

# A potencialidade da etnografia como metodologia de investigação junto a crianças no contexto da Educação Infantil

**Aline Helena Mafra Rebelo**

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina e Mestre em Educação pela mesma universidade (2015). Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2012). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Pré-Escolar. Foi professora substituta da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e atualmente é professora substituta do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Possui experiência na formação continuada em Educação Infantil, atuando em diversos municípios catarinenses. É pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN, sediado no Centro de Ciências da Educação da UFSC.

## Resumo

Este texto apresenta a trajetória e as contribuições de uma pesquisa etnográfica, em nível de mestrado, desenvolvida com crianças de 3 a 5 anos de idade em uma instituição de Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis (SC). A pesquisa empírica foi desenvolvida de maio a novembro de 2014 e assumiu como interesse evidenciar o ponto de vista das crianças sobre as formas regulatórias da instituição de Educação Infantil. Para tanto, utilizaram-se procedimentos metodológicos etnográficos como: registros escritos, fotográficos e fílmicos. À luz da experiência vivida, evidencia-se a potencialidade da etnografia para a investigação em contextos educativos, permitindo ao pesquisador aproximar-se e buscar compreender as crianças e seu mundo a partir de seu próprio ponto de vista.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Etnografia; Crianças.

## Abstract

*The potentiality of ethnography as a research methodology with children in the context of Childhood Education*

This text presents the trajectory and contributions of an ethnographic research, at a master's level, developed with children from 3 to 5 years of age in a Child Education Institution of the Municipal Network of Florianópolis (SC). The empirical research was developed from May to November of 2014 and assumed as an interest to highlight the children's point of view on the regulatory forms of the institution of early childhood education. For that, ethnographic methodological procedures such as written, photographic and film records were used. In light of the experience, the potential of ethnography for research in educational contexts is evident, allowing the researcher to approach and seek to understand children and their world from their own point of view.

**Keywords:** Early Childhood Education; Ethnography; Children.

## Resumen

### *La potencialidad de la etnografía como metodología de investigación junto a niños en el contexto de la Educación Infantil*

Este texto presenta la trayectoria y las contribuciones de una investigación etnográfica, a nivel de maestría, desarrollada con niños de 3 a 5 años de edad en una Institución de Educación Infantil de la Red Municipal de Florianópolis (SC). La investigación empírica fue desarrollada de mayo a noviembre de 2014 y asumió como interés evidenciar el punto de vista de los niños sobre las formas regulatorias de la institución de educación infantil. Para ello, se utilizaron procedimientos metodológicos etnográficos como: registros escritos, fotográficos y fílmicos. A la luz de la experiencia vivida, se evidencia la potencialidad de la etnografía para la investigación en contextos educativos, permitiendo al investigador acercarse y buscar comprender a los niños y su mundo desde su propio punto de vista.

**Palabras clave:** Educación infantil; Etnografía; Niños.

## Sobre o início da trajetória

*[...] e existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos.*

Clarice Lispector

A trajetória percorrida pelo pesquisador que se propõe a pesquisar com crianças em seu contexto educativo é longa e muitas vezes permeada por percalços e desafios, sobretudo quanto aos modos de conhecer as crianças e quais as possibilidades reais e concretas de estabelecer uma relação dialógica e de alteridade com elas. Assim, por mais que o pesquisador opte por uma determinada metodologia de pesquisa e lance mão de suas estratégias, conhecer o ponto de vista das crianças e futuramente transcrever e interpretar suas ideias, desejos e opiniões constituem um dilema e um grande desafio no âmbito da pesquisa em Educação.

Estes apontamentos iniciais convidam à discussão acerca da etnografia como possibilidade metodológica em potencial para a investigação junto às crianças em seus contextos educativos, nomeadamente de Educação Infantil. Assim, a pretensão deste texto se trata de, ao apresentar experiências fruto de uma pesquisa em nível de mestrado (MAFRA, 2015), cuja etnografia foi realizada em uma instituição de Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis (SC), com crianças de 3 a 5 anos de idade, trazer contribuições que nasceram de enfrentamentos e questões próprias da relação intergeracional constitutiva dos contextos educativos.

## **Etnografia com crianças pequenas: retomando a produção na área**

Considerando o objetivo geral da pesquisa que deu origem a este texto, que consistiu em investigar as formas regulatórias presentes na instituição de Educação Infantil e o ponto de vista das crianças em relação a elas, na pesquisa empírica foram utilizados procedimentos etnográficos, como: registros escritos, filmicos e fotográficos. Entende-se que esta abordagem metodológica é pertinente e coerente aos objetivos traçados pela pesquisa e se constitui como uma rica ferramenta de aproximação ao contexto educativo em si, e, mais detidamente, às ideias, críticas e opiniões das crianças.

Nesta direção, André (1995) questiona em que medida é seguro dizer que uma pesquisa em educação pode ser caracterizada como do tipo etnográfico. Para Sarmiento (2003), a etnografia almeja apreender a vida tal como ela é cotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos sujeitos em seus contextos de ação. Em concordância a isto, Cohn (2005, p.10) afirma que,

[...] a etnografia é um método em que o pesquisador participa ativamente da vida e do mundo social que estuda, compartilhando seus vários momentos, o que ficou conhecido como observação participante. Ele também ouve o que as pessoas que vivem nesse mundo têm a dizer sobre ele, preocupando-se em entender o que ficou conhecido como o ponto de vista do nativo, ou seja, o modo como as pessoas que vivem nesse universo social o entendem. Portanto, usando-se da etnografia, um estudioso das crianças pode observar diretamente o que elas fazem e ouvir delas o que têm a dizer sobre o mundo.

Mas o que de fato significa participar ativamente da vida e do mundo social que estuda? Para que essa participação ocorra é essencial que o pesquisador não simplesmente conduza, mas também se envolva nos acontecimentos cotidianos do contexto educativo, no sentido de se fazer presente e ativo para as crianças e os adultos que ali vivem. Participar da vida desses sujeitos implica oferecer apoio e ajuda em acontecimentos imprevistos, visto que o cotidiano da Educação Infantil conta diariamente com fatos inesperados. Buscar compreender os contextos de vida desses sujeitos, ou seja, seu pertencimento social, as condições objetivas de vida, as relações familiares, e o pertencimento étnico e cultural das crianças e adultos pode ser visto como intenções de participação do mundo social dos sujeitos que compõem a pesquisa.

Nesse sentido, Ferreira (2010) aponta que uma das facetas da etnografia consiste na experiência de proximidade proporcionada pela observação participante, por

meio da qual o pesquisador se coloca como o principal instrumento da pesquisa. Isto quer dizer que o objetivo etnográfico de compreender o que o outro diz ou faz constitui-se como um processo interdependente e dialógico entre o sujeito-pesquisador e as crianças.

No entanto, segundo Azanha (1992), a mera convivência do pesquisador com o grupo pesquisado não garante a qualidade da investigação. Assim, é fundamental que o pesquisador se torne “membro” do grupo estudado, sendo a ele essenciais algumas qualidades, tais como: sensibilidade pessoal; acuidade intelectual; capacidade de identificação empática etc. Em muitos casos, esses aspectos são fundamentais na aproximação com os sujeitos e na condução da pesquisa, sobretudo quando esses sujeitos são de pouca idade. Sobre isto, segue o registro de um momento em que Rihanna e Winnie convidaram-me a participar de sua brincadeira, onde trouxeram enredos de suas vidas, modos de relação com os adultos e formas como concebiam regras que precisavam ser cumpridas.

Winnie: Aline, a gente pode cuidar do teu cabelo?

Aline: Podem, sim. O que eu faço?

Winnie: É só ficar sentada tipo cliente que a gente faz tudo e nem vai doer, tá?

Aline: Tá bom!

Rihanna: E tem que obedecer, senão tua mãe... já viu.

Aline: Obedecer?

Rihanna: É, igual na creche, a gente precisa obedecer às profes, senão a profe conta pra mãe e a mãe briga em casa.

Aline: Hum... entendi. Vamos brincar, então? (Notas de campo – maio de 2014 – 41<sup>a</sup> dia).

Figura 1: Brincadeira entre crianças e pesquisadora<sup>1</sup>



Fonte: acervo pessoal da autora

A partir deste episódio, questões indicadas por Azanha (1992) sobre o pesquisador buscar se integrar como “membro” do grupo são postas no debate e em evidência. Como a pesquisa etnográfica foi desenvolvida em uma instituição de Educação Infantil, práticas educacionais-pedagógicas eram propostas a todo momento pelas professoras; contudo, momentos de brincadeira livre também permeavam o cotidiano das crianças do Grupo 4/5, sendo ricas oportunidades de interação e aproximação entre as crianças e a pesquisadora.

A brincadeira, enquanto linguagem humana, conecta e aproxima os sujeitos que dela participam. Por meio da sensibilidade própria que constitui a brincadeira, no episódio narrado, eu, como pesquisadora, e as crianças estabelecemos relações de proximidade, o que contribuiu fundamentalmente para que eu pudesse, paulatinamente, tornar-me um “membro diferente” naquele contexto. Assim, vale destacar que, ao realizar uma etnografia com crianças, faz-se essencial a aproximação às suas múltiplas linguagens, sendo a brincadeira sua principal forma de comunicação, interação e socialização. Deste modo, ao ser convidada e aceitar participar da brincadeira naquele momento, aproximei-me de Rihanna e Winnie e pude evidenciar questões sobre como, em certas circunstâncias, elas percebiam a relação de obediência frente aos adultos, sobretudo mãe e professoras.

Frente a essas questões, ser considerado um “membro” do grupo não é tarefa fácil, tendo em vista que se torna impossível o adulto investigador, ao entrar em campo,

---

<sup>1</sup> A publicização das imagens das crianças para fins acadêmicos foi devidamente autorizada pelas famílias.

despir-se de seu estatuto de adulto. Contudo, como foi apontado, há um conjunto de características, qualidades e sensibilidades que facilitam a aproximação do pesquisador (adulto) com o grupo de crianças. Nesse sentido, Rocha (2008) descreve a necessidade de, em vez de *dar voz* às crianças, o pesquisador precisa *ouvir* essas vozes, no intuito de, nessa *escuta*, confrontar e conhecer um ponto de vista distinto daquele que o pesquisador seria capaz de analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos.

Assim, a fim de buscar compreender o ponto de vista das crianças por meio de uma pesquisa etnográfica, é fundamental conferir atenção não à criança como sujeito isolado, mas a uma investigação com crianças que englobe duas dimensões primordialmente: a *experiência social* e as *crianças e suas ações e significações* dentro do contexto de relações, considerando que elas possuem uma multiplicidade de formas de agir, dependendo do contexto cultural e social em que estão imersas (ROCHA, 2008). Desta forma, é importante observar de perto e sistematicamente as crianças em seu contexto com vistas a conferir atenção às particularidades concretas de suas vidas para que se possa registrar tais aspectos da forma mais fiel possível à realidade das crianças.

Diante destes apontamentos, convém indicar que a pesquisa empírica realizada no período de maio a novembro de 2014 lançou mão de instrumentos provenientes da etnografia. E foi a partir destes recursos que busquei, enquanto objetivo da pesquisa, relacionar os aspectos macro e micro das formas regulatórias modernas, sem perder de vista que a abordagem etnográfica possibilita uma observação direta dos meios de vida das crianças, de seus afazeres, possibilitando com isto uma aproximação ao ponto de vista destes sujeitos de pouca idade que habitam o contexto educativo.

## **O contexto da pesquisa empírica**

Descrever a experiência vivida em campo com as crianças e os adultos que frequentam e pertencem a uma instituição de Educação Infantil exige um exercício de síntese de sentimentos, emoções, acontecimentos e situações que parecem ser indescrevíveis ou pouco traduzíveis para a linguagem escrita. Ao contar sobre este processo, selecionei alguns dos fatos, ocasiões e ideias que foram mais significativos e que consequentemente imprimiram marcas profundas em meu modo de ser pesquisadora. Marcas no sentido de experiência como aquilo “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, como propõe Larrosa (2001, p. 21).

Tais eventos foram selecionados para compor este texto, pois, ao registrarem de forma pontual algumas das relações estabelecidas entre pesquisadora e crianças no cotidiano educativo, trouxeram importantes indicativos que possibilitam avançar na discussão sobre a potencialidade da etnografia não como única, mas como uma das possíveis metodologias de investigação *das e nas* relações educativas. Ao se aproximar do contexto e estar em contexto, observando e participando do cotidiano, a etnografia forneceu elementos e possibilidades para a problematização de questões que contornam o consentimento e assentimento informado, a devolutiva constante dos dados gerados para e com as crianças e a ética na relação de pesquisa com todos os sujeitos nela envolvidos. Assim, destaco a etnografia como uma rica possibilidade de leitura de contextos educativos que atendem crianças pequenas, sendo possível trazer à tona suas perspectivas e seus modos de vida.

Diante disto, as etapas metodológicas da pesquisa etnográfica consistiram no delineamento e escolha da instituição de Educação Infantil da rede municipal de Florianópolis (SC), contemplando, primeiramente, um critério fundamental no âmbito das pesquisas que se refere a não familiaridade do pesquisador com o contexto, o que permite um estranhamento do olhar. Neste processo, também lancei mão de outros critérios quanto à seleção da instituição, tais como: aceite e prontidão da diretora quanto à pesquisa; proximidade geográfica da instituição a minha residência e aceite das demais profissionais, arranjos familiares e crianças da instituição.

Perante tais concordâncias iniciais, parti para a apresentação sistemática do projeto e cronograma de pesquisa à diretora e em seguida às professoras do Grupo 4/5, com o qual a pesquisa pontualmente seria desenvolvida. E por fim, mas não menos importante, a proposta de pesquisa foi apresentada às crianças em um momento especialmente planejado para isto e também aos arranjos familiares, oportunamente em uma reunião promovida na instituição de Educação Infantil.

A instituição escolhida como campo de pesquisa foi fundada em 1984 e se situa na região urbana da cidade de Florianópolis (SC), em uma comunidade localizada no morro próximo ao centro da cidade. Conta com uma área total construída de 159,34 m<sup>2</sup>, e está vinculada à rede pública da Secretaria Municipal de Educação, sendo o poder público municipal o responsável pela sua manutenção. A viabilização da instituição se deu como forma de atender às necessidades da comunidade local, cujas mães precisavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos.

De acordo com seu Projeto Político Pedagógico, a instituição de Educação Infantil é marcada por traços culturais locais, que são ressaltados durante o ano letivo por meio de projetos como: o folclore catarinense com ênfase especialmente ao Boi-de-Mamão; o jogo da capoeira; carnaval; candomblé, entre outros. A unidade, entendendo a família como parceira no processo educativo, solicita o apoio da mesma principalmente quando há algum evento que envolve manifestações folclóricas e regionais. Associando-se a isto, a renda familiar informada na matrícula das crianças é proveniente principalmente de cargos assalariados, de profissionais que atuam como diaristas, pedreiros e/ou na informalidade (autônomos).

A estrutura física da instituição conta com três salas de referência, uma sala de direção que funciona também como secretaria, um banheiro coletivo para o uso das crianças e outro para os adultos. O parque se situa na área superior, onde o chão é de piso cerâmico coberto por um telhado e grade de segurança. O refeitório se localiza no térreo, em frente à cozinha, e próximo a ele há um espaço reservado para as crianças assistirem DVD, organizado com um tapete e algumas almofadas.

A instituição de Educação Infantil atende crianças em período integral ou parcial, sendo seu horário de funcionamento das 7h às 19h, em conformidade à legislação municipal. No ano de 2014, o número de crianças atendidas era de 49, as quais eram divididas em três Grupos: G2 (15 crianças de 1 a 2 anos de idade); G3 (15 crianças de 2 a 3 anos) e G4/5 (19 crianças de 3 a 5 anos de idade).

Desde o princípio da trajetória, as questões éticas que permeiam a pesquisa com seres humanos estavam latentes e acarretaram entraves e dúvidas, sobretudo quanto à exposição dos nomes verdadeiros dos sujeitos partícipes da investigação. Neste meandro, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado assumindo tais responsabilidades éticas e entregue às professoras partícipes da pesquisa e aos responsáveis pelas crianças do Grupo 4/5. Questões que envolvem o assentimento e o consentimento dos sujeitos da pesquisa constituíram o documento, a autorização para o uso de imagens, bem como a clara apresentação da possibilidade de saída da pesquisa a qualquer momento de seu percurso.

Apesar da concordância e autorização das professoras quanto à exposição de seus nomes verídicos na escrita desta pesquisa, a identidade desses sujeitos, bem como dos demais adultos da instituição, foi preservada. Esta opção foi feita para evitar possíveis formas de identificação, entendendo que esta ação visa contribuir para que as

práticas docentes não sejam alvos de juízos de valor ou análises indevidas, aspectos que a pesquisa não tomou como objetivos. Em cumprimento ao pedido da gestão da unidade e também como princípio ético orientador da pesquisa, também foi omitido o nome da instituição de Educação Infantil em que a pesquisa foi desenvolvida.

Em relação à identificação das crianças, a opção foi manter seus nomes verídicos, entendendo esta ação como respeitosa à identidade das crianças, suas particularidades e formas de ser. Acredito que esta ação visa contribuir para o fortalecimento e legitimação das vozes das crianças como informantes privilegiados na pesquisa, reconhecendo-as como sujeitos da pesquisa e não como objetos dela (como historicamente fora compreendida pela Psicologia).

Quanto aos sujeitos que participaram com maior intensidade da pesquisa, aponto que a escolha pelo Grupo 4/5 se deu pela hipótese de que as crianças desse grupo estavam mais habituadas e familiarizadas com a rotina e com as regras e normas da instituição de Educação Infantil, visto que a frequentam há bastante tempo. Tal critério esteve intimamente relacionado ao objeto da pesquisa. Assim, 19 crianças participaram da pesquisa etnográfica, onde estive em sua companhia e interação durante seis meses, intercalando minha estadia ora no período matutino, ora vespertino de atendimento, visto que todas as crianças permaneciam na instituição em período integral.

Ainda quanto às etapas metodológicas, ressalto que, feitas as devidas explicações e os devidos acertos junto aos adultos, parti para a imersão em campo junto às crianças, onde, em um primeiro momento de aproximação, pedi auxílio às professoras para reunirem todas as crianças a fim de me apresentar e explicar o motivo pelo qual gostaria de estar junto a elas pelos próximos seis meses. Este momento foi verdadeiramente interessante, pois fui invadida ora por olhares curiosos, ora por expressões de pouco interesse pela minha presença. Apesar das diferentes posturas das crianças em relação a mim, todas, naquele primeiro encontro, concordaram em me deixar realizar a pesquisa junto a elas, utilizando para isto, fundamentalmente, a linguagem oral, conforme a narrativa a seguir evidencia:

Aline: Alguém quer me perguntar alguma coisa? Qualquer coisa?

Lara: Vais ficar muito tempo com a gente?

Aline Sim, algum tempo, 6 meses. Às vezes venho de manhã, e às vezes a tarde.

Lara: Hum... vens no café?

Aline: Alguns dias, sim. Mas, nem todos. Você quer que eu venha no café?  
Lara: O café é legal. Tem mingau e café com leite!  
Aline: Que delícia!  
Yuri: É, vem pro café, Aline! Todo dia a gente come quando chega na creche.  
Aline: Então temos um combinado. Amanhã venho cedinho pro café!  
Yuri, Lara, Pedro, Gustavo, Isadora e Kamily comemoram: Oba! Massa!  
Yiago, Rihanna e Alicia sorriem. (Notas de campo – maio de 2014 – 1ª dia).

Figura 2: Momento de apresentação da pesquisa às crianças



Fonte: acervo pessoal da autora

Assim, apesar de ter conquistado o consentimento verbal das crianças para estar em seu convívio durante o tempo de pesquisa em campo, em algumas situações, especialmente nos primeiros dias, senti que elas cultivavam muita curiosidade pela minha presença na instituição e pelo motivo que me mobilizava a estar ali. Convém ressaltar que utilizei como instrumentos metodológicos o diário de campo, registros fílmicos e fotográficos, os quais, desde o princípio, despertaram curiosidade e interesse por parte das crianças. Como exemplo, retrato o diálogo com Kamilly, que, observando meu exercício de escrita no diário de campo e buscando respostas a sua curiosidade, questionou-me:

Kamilly: O que tás escrevendo aí?

Aline: Estou escrevendo o que vocês estão fazendo.

A menina responde: Ah, mas a gente tá brincando! (Notas de campo – maio de 2014 – 2ª dia).

Diálogos como esses me conscientizaram sobre o fato de que somente obter

o consentimento verbal das crianças não era suficiente para que elas autorizassem a realização da pesquisa, assumindo-se como informantes privilegiados, pois, por maior que fosse a mobilização da minha parte em explicar os objetivos da pesquisa, conferindo a elas importância nesse processo, as crianças nutriam dúvidas e inquietações recorrentes em relação à minha presença na instituição e em sua vida.

Assim, ainda percorrendo as etapas metodológicas e éticas da pesquisa, indico que uma preocupação latente constitutiva de toda a empiria se tratou de buscar saber se, de fato, as crianças estavam de acordo com minha presença junto a elas. Alguns eventos me provocaram a refletir sobre essa questão, sobretudo nos primeiros dias de inserção em campo, em que as crianças me perguntavam sobre meus registros escritos e, ao ouvirem minha resposta, a qual geralmente era algo como “estou anotando o que vocês fazem na creche”, respondiam-me em tom de resposta óbvia: “não ‘tás’ vendo que a gente tá brincando?”. Deste modo, para as crianças, inúmeras vezes minhas anotações se tratavam de questões muito evidentes que, provavelmente, dispensariam uma pesquisa sistematizada.

Estes pontos são aqui evidenciados para que se possa problematizar o aspecto metodológico referente ao consentimento informado das crianças na pesquisa etnográfica, entendendo que o que está em causa são os direitos das crianças à participação, onde se incluem, entre outros, os direitos a serem informadas e ouvidas em assuntos que as envolvem. Nesse sentido, metodologicamente, dar o consentimento significa que os sujeitos envolvidos na pesquisa estão plenamente cientes de três elementos fundamentais: da responsabilidade do investigador em garantir aos participantes a compreensão sobre as implicações de sua participação na pesquisa; que os participantes não são forçados a participar e que eles possuem plena liberdade para rever a sua decisão em participar ou retirar a sua participação a qualquer hora, ou por qualquer justificativa (SCHMITH, 2008 apud FERREIRA, 2010).

Entretanto, apesar dessas orientações acerca do consentimento informado dos sujeitos, quando a pesquisa envolve a participação de crianças, esse consentimento precisa ser problematizado, sem, contudo, desvalorizar ou colocar o consentimento das crianças em uma relação subordinada à autorização dos adultos. Coerentemente a isto, Ferreira (2010) afirma que,

[...] as diferenças intrageracionais que a categoria infância integra requer da obtenção do consentimento informado das crianças redobrados esforços, cuidados de atenção e sensibilidade por parte dos (as) investigadores(as), dado que os problemas são saber até que ponto a sua permissão é ou não devida-

mente informada e, ainda, até que ponto ela é voluntária (FERREIRA, 2010, p.12).

Ante o exposto, torna-se necessária a discussão sobre a noção de competência das crianças para compreenderem efetivamente a pesquisa e todas as suas proposições. Sobre isto, Ferreira (2010) aponta que os próprios adultos também encontram limites na compreensão dos objetivos da pesquisa, na tarefa de sua tradução em termos claros e objetivos para as crianças e também em interpretar a sua aceitação. Então, essas dificuldades enfrentadas tanto pelas crianças quanto pelos adultos nas pesquisas merecem atenção, visto que esses elementos levam a discutir até que ponto determinada decisão das crianças é voluntária ou não.

No que tange as etapas e procedimentos da pesquisa etnográfica, vale indicar que, logo no início da inserção em campo, os objetivos da pesquisa foram por mim descritos a todas as crianças do Grupo 4/5, a fim de que elas pudessem compreender os motivos que me mobilizaram a estar com elas. Esses pontos foram constantemente reafirmados no decorrer da pesquisa, desencadeados pelo interesse das próprias crianças, que questionaram e tentaram entender o que registrava em meu diário de campo. Busquei também assumir uma postura de observação atenta às nuances que permeavam as minúcias da vida cotidiana das crianças e que possivelmente poderiam deixá-las constrangidas a participarem da pesquisa.

Posteriormente à conversa com as crianças, participei de uma reunião promovida junto aos arranjos familiares, organizada pela direção da instituição com a intenção de entregar aos responsáveis pelas crianças do Grupo 4/5 o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido referente à autorização da pesquisa. Assim, solicitei aos familiares que reforçassem meus objetivos de pesquisa em conversa com seus filhos e suas filhas e investigassem a vontade destes em participar da pesquisa, para que, somente a partir de uma posição afirmativa das crianças, os adultos assinassem a autorização.

Para além destas etapas ocorridas pontualmente, ao longo de toda a pesquisa etnográfica assumi como preocupação proporcionar um retorno constante dos dados às crianças. Nestas ocasiões, apresentava a elas os registros fotográficos, fílmicos e escritos que vinha produzindo junto e com elas. Nestes encontros, as crianças sentiam-se verdadeiramente curiosas em se enxergarem em meus registros, especialmente naqueles fotográficos, e, frequentemente, pediam-me para registrá-las fazendo alguma

“pose” ou produzindo algum desenho, conforme o registro a seguir ilustra:

Na roda, a professora apresenta às crianças uma música típica de Florianópolis, sobre a árvore Figueira. Em seguida começa a cantar; contudo, as crianças pouco prestam atenção nela. Em uma pausa da música, Bernardo fala:

- Tá, agora eu que canto uma música.

Então o menino começa a cantar uma música de funk. Repete o refrão duas vezes, sendo acompanhado por Davy e Gustavo. Bernardo pede que eu tire uma foto dele, e diz que para isto iria “se ajeitar”. Neste momento, as professoras permitem que Bernardo termine de cantar sua música e registro esta situação batendo uma foto, como Bernardo pediu. (Notas de campo – setembro de 2014 – 31º dia)

Atender ao pedido das crianças quanto ao registro de suas atividades ou “poses” foi um movimento importante para delas me aproximar, revelando que, de alguma forma, os meninos e as meninas do grupo se sentiam seguros e seguras e confortáveis em pedir que eu registrasse suas vivências. Isto pode significar que, naqueles momentos, havia assentimento das crianças quanto à minha presença. Assim, pude compreender que a ação do pesquisador de apresentar estes registros às crianças acaba os aproximando afetiva e efetivamente, pois, paulatinamente, constrói uma relação de cumplicidade e alteridade entre os sujeitos e simultaneamente atribui fundamental importância à opinião das crianças.

Para além da devolutiva de registros fotográficos, outro instrumento metodológico que me aproximou das crianças foi o diário de campo, sendo a ele, recorrentemente, lançadas questões como: “O que tu tanto escreve aí?”, “É da gente?”, “Posso desenhar também?”. Assim, desde o início da pesquisa etnográfica, fui interpelada por pedidos feitos pelas crianças quanto à possibilidade de desenhar em meu diário de campo, fato que levou a muitos momentos em que os meninos e as meninas passaram minutos a rabiscar, desenhar e escrever seus nomes nele. Durante esses períodos, os quais forneceram importantes elementos de análises sobre o objeto da pesquisa, estabeleci diálogos com as crianças sobre o que estavam desenhando.

Apesar da preferência quanto ao diário de campo, o interesse das crianças em relação aos recursos de pesquisa utilizados não se restringiu apenas a ele. Algumas semanas após meu início no contexto, a grande maioria das crianças também manifestou interesse por meu celular, que sempre levava à instituição para utilizar como câmera fotográfica. Então, frequentemente as crianças pediam para visualizar as fotos que

registrava delas e solicitavam que eu as registrasse fazendo algumas “poses”. Volto a dizer que esses momentos foram ricos e positivos para a pesquisa, pois, além de me aproximarem das crianças, envolveram-nas no processo de pesquisa, em cujo percurso busquei que elas se sentissem parceiras e não objeto de estudo.

Estes momentos de troca e partilhas também foram importantes para compreender mais detalhadamente algumas situações que não pude apreender somente por meio dos registros escritos ou fotográficos. Ao manusearem meu celular a fim de ver suas fotos ali registradas, os meninos e as meninas do Grupo 4/5 apontavam detalhes acerca de alguma situação que me passara despercebida, ou manifestavam sua opinião sobre determinados acontecimentos. Desta maneira, este retorno contínuo dos dados às crianças durante a empiria pode ser compreendido como uma estratégia que, além de respeitosa em relação aos sujeitos da pesquisa, trata-se de uma forma do pesquisador compreender melhor as situações vividas no contexto da instituição de Educação Infantil a partir do olhar e da percepção das crianças.

### **Dos desafios e enfrentamentos iniciais da pesquisa etnográfica com crianças**

Visto o dinamismo do cotidiano na Educação Infantil e a fluidez das relações ali estabelecidas, no primeiro mês de imersão em campo enfrentei dificuldades na busca por apreender a realidade daquela instituição por meio de registros escritos ou fotográficos. Ao término de cada dia, meus pensamentos eram invadidos por sentimentos de preocupação em relação aos meus registros, que pareciam estar sem foco algum, ou com foco em tudo. Ou seja, não parecia estar produzindo conhecimentos que fossem permeados por uma descrição densa da realidade, conforme a perspectiva de Geertz (2008).

Contudo, com o passar das semanas, meu olhar para a dinâmica do cotidiano da instituição de Educação Infantil foi se redefinindo, assumindo outros e novos contornos. Aos poucos, amadureci no processo de estabelecer critérios de escrita em meu diário de campo. Optei por permanecer por um período mais longo com determinado grupo de crianças que estavam interagindo, preocupada em voltar meu olhar para o objetivo de pesquisa. Encontrei alternativas às minhas preocupações. Estipulei estratégias particulares de investigação, como ser a mais discreta possível, tanto na forma de me vestir quanto de me portar quando estava na instituição de Educação Infantil. Esses detalhes fizeram diferença, e, gradativamente, senti-me mais segura quanto às

formas de tecer meus registros.

Outra grande provocação que me acompanhou no início da inserção em campo se refere à linha tênue que separa a intervenção da interação com as crianças. Houve raros momentos em que fiquei sozinha na sala de referência com o grupo de crianças, e neles foi impossível não intervir ou não orientar diretamente as crianças, pois naquele momento assumia o papel de único adulto responsável por elas. Nessas poucas situações – mais precisamente duas – coloquei-me involuntariamente no papel de professora, pois, na ausência das mesmas, precisei tomar algumas decisões, como, por exemplo, levar as crianças para a sala referência em um dia chuvoso em que me encontrei sozinha com elas, uma vez que o parque foi tomado pela água, a qual, em contato com o piso, tornou o ambiente propício para as crianças escorregarem, colocando-as em perigo.

Frente a isto, faz-se necessária a reflexão sobre a questão que envolve a vigilância da pesquisa, ou seja, até que ponto o pesquisador deve se abster da intervenção? Como balizar a intervenção e a interação com as crianças na prática da pesquisa etnográfica?

Antes de formarem a roda, Kamilly, Víctor, Ana Carolinny e Taiyllen saem da sala a passos apressados, e eu os observo. As crianças, percebendo que eu as havia visto, fazem gestos de silêncio para mim. Ficam olhando para dentro da sala, mas não entram. Instantes depois, a professora vai até o corredor e chama todas as crianças para retornarem à sala, e elas prontamente o fazem (Notas de campo – junho de 2014 – 8º dia).

A partir desses questionamentos e da situação selecionada, a qual forneceria pontos suficientes para nutrir longos debates, faço uso das palavras de André (1995), que afirma que na pesquisa etnográfica o pesquisador é o principal instrumento de geração e análise dos dados, e desta forma haverá momentos em que sua condição humana será altamente vantajosa, permitindo-o descobrir novos horizontes. Contudo, da mesma maneira, como um ser humano, ele pode cometer erros, perder oportunidades e se envolver em demasia com determinadas situações ou sujeitos. Saber lidar com essas questões é um dos grandes desafios que o pesquisador acaba por enfrentar ao realizar uma etnografia.

Sendo assim, em situações que não coloquem as crianças em risco é importante nos aliarmos a elas, a fim de passarmos segurança suficiente para que elas façam

naturalmente aquilo que desejam fazer e que não fariam na presença de suas professoras, mas que fazem em frente ao pesquisador. Contudo, há outros momentos em que ao pesquisador não é dada alternativa senão a intervenção no sentido de evitar possíveis acidentes que coloquem as crianças em iminente perigo.

Outro desafio com que me deparei neste percurso de pesquisa empírica foi o fato de que, quando estava com as crianças, elas frequentemente pediam para manusear meus instrumentos de pesquisa (celular e diário de campo). Em alguns momentos, como quando sentava na roda na companhia delas, os meninos e as meninas do Grupo 4/5 pediam para desenhar em meu caderno e com o meu consentimento começavam a fazê-lo. Contudo, isso gerava certo conflito entre a ordem das professoras, que exigiam que as crianças prestassem atenção em sua fala, e o desejo delas em permanecer desenhando em meu caderno, ou conversando comigo.

Após a hora do café da manhã, as crianças vão ao espaço da creche que é reservado para o uso da televisão, para assistirem a um documentário sobre a ilha de Florianópolis. Enquanto as crianças estão entretidas com esta proposta, Isadora me pede para escrever no meu caderno. Eu aceito, e, em seguida, Kamilly e Ana Carolinny também me pedem para desenhar. Neste momento, a professora diz para as meninas prestarem atenção no documentário, e que “não é hora” de escrever no meu caderno. As meninas, então, fazem o que a professora disse a elas. (Notas de campo – junho de 2014 – 10º dia).

Tal passagem provoca a reflexão acerca da lógica adultocêntrica que impera nos contextos educativos, com destaque aqui para a instituição de Educação Infantil na qual a pesquisa etnográfica foi desenvolvida. Às crianças, naquele momento, cabia a função e obrigatoriedade de assistir ao documentário proposto pelas professoras, sem qualquer possibilidade de ações distintas dessa. A relação educacional-pedagógica estabelecida entre as gerações naquele momento e contexto pode ser compreendida como hierarquizada e arbitrária a uma geração: apenas aos adultos.

Sentir, viver e estar junto às crianças em uma experiência de pesquisa etnográfica foi buscar uma aproximação a outras lógicas, que contrastam, muitas vezes, com a lógica adulta de tempo, espaço, organização e ação. Ou seja, por meio de uma aproximação aos modos de vida das crianças, que se relacionam a todo momento com os adultos, mas, sobretudo em suas relações entre pares, foi possível compreender o quanto ainda, enquanto adultos que somos, precisamos estabelecer uma relação de alteridade com a infância e de reconhecimento dos diferentes modos de estar no mundo, que não necessariamente correspondam às expectativas de uma única geração.

## O cotidiano institucional e os modos de aproximação à vida das crianças

*Estudar as crianças – pra quê? Eis a nossa resposta: Para descobrir mais. Descobrir sempre mais, porque, se o não fizermos, alguém acabará por inventar.*

Maria Elizabeth Graue e Daniel Walsh

É de fato ingrata a tarefa de traduzir para a escrita o turbilhão de emoções e encantamentos experienciados durante o tempo vivido em campo. Esses *estranhos sabores*, como diria Manuela Ferreira (2002), são pouco traduzíveis em algo que não seja sentimentos. Aquelas angústias, medos e aflições iniciais que antecedem a entrada em campo foram aos poucos cedendo espaço a abraços, sorrisos calorosos e afetos sempre que chegava à instituição de Educação Infantil e encontrava as crianças.

Viver com as crianças do Grupo 4/5 em seu cotidiano institucional educativo foi um grande desafio que perpassou minha constituição enquanto pesquisadora e estudiosa da infância. E eleger a etnografia como metodologia e possibilidade de encontro com a realidade vivida pelas crianças nesse cotidiano foi, de fato, uma escolha acertada e coerente com os propósitos da pesquisa.

A vida cotidiana é uma mescla de elementos puramente casuais, inesperados, imprevisíveis e de outros (cotidianidade) frutos de um desenvolvimento histórico (individual ou social) e, portanto, de múltiplas determinações. A cotidianidade é, pois, a própria concretude da vida cotidiana porque, historicamente sedimentada, corresponde a modos relativamente estáveis de reagir a condições concretas de existência. (AZANHA, 1992, p. 119).

Assim, por conta desses elementos imprevisíveis, contingenciais e inusitados que permearam o cotidiano da instituição de Educação Infantil em que a pesquisa foi desenvolvida, acreditar na existência de explicações definitivas sobre a realidade é insustentável e vai de encontro à perspectiva etnográfica de base antropológica que busca uma aproximação ao ponto de vista do nativo.

Assumindo que em uma pesquisa etnográfica que tenha como locus uma instituição de Educação Infantil os nativos sejam as crianças que a frequentam, convém trazer para este debate proposições de Graue e Walsh (2003), que consideram que uma dificuldade que os pesquisadores da infância que utilizam a etnografia de base antropológica enfrentam é a tendência em centrarem nas ações dos adultos frente às crianças. Ou seja, a problemática apresentada pelos autores busca apontar que um es-

tudo que pretendia ser sobre as crianças acaba sendo uma avaliação da interação dos adultos com as crianças. Trazer as crianças à centralidade da pesquisa não nega que os adultos são parte integrante do contexto. No entanto, a investigação que busca uma aproximação aos modos de vida das crianças (seja em contextos educativos ou para além deles) carece de ser centrada nestes sujeitos de pouca idade.

As discussões até aqui estabelecidas levam a considerar que a visão dos adultos em relação às crianças deve ser contextualizada, mas que, nós, enquanto adultos, também precisamos trabalhar em contexto, ou seja, os registros produzidos na relação com as crianças devem estar ligados aos contextos em que estão inseridos: as crianças no seu espaço, o espaço numa comunidade alargada, o pesquisador na sua cultura da especialidade e seus enquadramentos teóricos. Dessa forma, nenhum desses componentes pode ser desconsiderado se o desejo for apreender uma perspectiva das crianças tão complexa como as suas vidas.

## Últimas considerações

Foi no movimento de estar e viver com as crianças, em uma relação quase que diária com a realidade delas, a qual foi por mim compartilhada durante o tempo em que frequentei a instituição de Educação Infantil, que me constituí como uma pesquisadora e estudiosa da infância. Não assumi como meta realizar uma pesquisa tomando como objeto de estudo as crianças do Grupo 4/5, mas busquei apreender o entorno que constitui a infância destes sujeitos de pouca idade, utilizando para isso a etnografia.

Com base no que foi construído pela pesquisa que deu origem a este texto, entendo que se faz cada vez mais necessário realizar investigações em contexto que visem trazer à tona os indicativos das crianças sobre o que está sendo oferecido a elas na instituição de Educação Infantil, visto que as crianças são informantes privilegiados do contexto institucional.

Para Graue e Walsh (2003), a nossa forma de olhar o contexto afeta aquilo que estamos vendo, e do mesmo modo aquilo para aonde olhamos afeta a nossa forma de olhar. Diante disto, cabe questionar: o quanto nos permitimos afetar pelas crianças?

Nestas linhas finais, assumindo o risco de buscar uma interlocução com tal questão, no sentido de não apresentar respostas acabadas, mas sim pistas e possibilidades, indico que o que nos torna igual às crianças é a nossa humanidade, a qual precisa ser reconhecida na relação estabelecida entre as distintas categorias geracionais. Tal

reconhecimento exige um olhar sensível à infância e às dimensões sociais, culturais, étnicas e de gênero que a constituem. E a etnografia pode ser compreendida como uma possibilidade em potencial de, ao buscar conhecer, reconhecer essas dimensões constitutivas da infância.

## Referências bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

AZANHA, J. M. P. *Uma ideia de pesquisa educacional*. São Paulo: EDUSP, 1992.

COHN, Clarice. *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERREIRA, M. M. M. “- *A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!*” – as crianças como atores sociais e a (re) organização social do grupo de pares no cotidiano de um Jardim de Infância. 736 p. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto. 2002.

\_\_\_\_\_. “*Ela é nossa prisioneira!*” – questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *Repositório aberto da Universidade do Porto*. p. 151-182, 2010. Disponível em: < <https://pt.slideshare.net/gabriellehdasilva/etnografia-manuela-ferreira> >. Acesso em: 07 fev. 2018.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRAUE, M. E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

LARROSA, J. Dar a palavra. Notas para uma lógica da transmissão. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 281-295.

LISPECTOR, C. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1964.

MAFRA, A. H. “*Aqui a gente tem regra pra tudo!*”: formas regulatórias na educação das crianças pequenas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ROCHA, E. A. C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, S. H. V. (org). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43-51.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. Teixeira. *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.137-179.

**Submetido em: 29-11-2017**

**Aceito em: 02-03-2018**